



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 2, número 1, abr. 2013

UM OLHAR SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL MASCULINA EM UM *SITE* BRASILIENSE



A LOOK AT THE CONSTRUCTION OF MALE HOMOSEXUAL IDENTITY IN A *SITE* BRASILIENSE

Shelton Lima de SOUZA
UFAC, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 23/01/2013 • APROVADO EM 23/02/2013

Abstract

This paper proposes to make a discussion on the process of identity formation homosexual male from the discursive analysis of a social networking site in the city of Brasilia - DF. For the analysis of the characteristics and linguistic identity, linked through the site, has as theoretical Cameron (2010), Foucault (1996), Fairclough (2001), Louro (2001), Lakoff (2010) and Meurer (2005), and of theoretical and methodological principles of discourse analysis critical. In the analysis of the corpus, it was found that the site presents a set of language features that

promote the development of what could be considered gay, providing notions of behavior that are regarded as belonging to "the world" homosexual.

Resumo

Este trabalho propõe fazer uma discussão referente ao processo de formação da identidade homossexual masculina a partir da análise discursiva de um *site* de relacionamento da cidade de Brasília – DF. Para a análise das características identitárias e linguísticas, vinculadas pelo *site*, tem-se como referencial teórico Cameron (2010), Foucault (1984, 1996 e 2012), Fairclough (2001), Louro (2001), Lakoff (2010) e Meurer (2005), além dos princípios gerais teórico-metodológicos da análise do discurso crítica. Na análise do *corpus*, verificou-se que o *site* apresenta um conjunto de características linguísticas que promovem o desenvolvimento do que pode ser considerado *gay*, fornecendo noções de comportamento que são tidos como pertencentes “ao mundo” homossexual.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Discourse. Identity. Homosexual. Media.

PALAVRAS CHAVE: Discurso. Identidade. Homossexual. Mídia.

Texto integral

Introdução

Este trabalho propõe fazer uma discussão preliminar referente ao processo de formação da identidade homossexual masculina a partir da análise discursiva de um *website* de Brasília – DF intitulado “Parou Tudo”. Para isso, tem-se como referencial teórico Cameron (2010), Foucault (1996), Fairclough (2001), Louro (2001), Lakoff (2010) e Meurer (2005).

1 Questões teóricas

Compreendendo que o *site* em questão veicula textos – com recursos não-linguísticos–, a abordagem de análise de texto proposta pela Análise Crítica do Discurso (ACD) nos é apropriada, por consubstanciar uma visão mais ampliada da

prática textual interpretativa. Além disso, considera-se, nesse trabalho, que textos transmitem e, paulatinamente, (re)produzem concepções socioculturais sobre os objetos discutidos. Numa perspectiva discursiva, os textos serão entendidos como a realidade concreta dos diversos discursos existentes (FAIRCLOUGH, 2001). Nessa discussão, Foucault chama-nos a atenção para as características dos discursos e questiona:

Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo? Eis a hipótese que gostaria de apresentar esta noite, para fixar o lugar – ou talvez o teatro muito provisório – do trabalho que faço: suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1996, p. 09).

Esse questionamento/produção de um conceito de Foucault é usado por Fairclough para a fundamentação epistemológica da ACD no tocante às concepções de discurso e texto, além de o autor inglês desenvolver, no âmbito da análise do discurso, a proposta crítica foucaultianaⁱ dos discursos naturalizados e transmitidos pelos textos. Meurer (2005, p. 87), ao fazer um pequeno resumo das principais características da ACD, possibilita ao leitor ver até que ponto a postura filosófica de Fairclough se interrelaciona com a visão de/dos discurso(s) proposta por Foucault:

- a) O discurso é uma forma de prática social em relação dialética com estruturas sociais;
- b) O discurso tem poder constitutivo, i.e., a) cria formas de conhecimentos e crenças, b) relações sociais e c) identidades;
- c) Os textos contêm traços e pistas de rotinas sociais complexas, mas os sentidos são muitas vezes naturalizados e não percebidos pelos indivíduos;
- d) Os textos são perpassados por relações de poder;
- e) A ACD privilegia o estudo da interligação entre poder e ideologia;
- f) Os textos forma correntes: respondem a, e podem provocar ou coibir, outros textos;
- g) A ACD cultiva uma perspectiva emancipatória.

Para Fairclough (2001), ao se analisar textos, não se deve estar interessado apenas no texto em si – estrutura –, mas em questões sociais que incluem maneiras de representar a “realidade”, manifestação de identidades e relações de poder no mundo contemporâneo. Complementar à proposta do autor, Lakoff (2010, p. 13) afirma que somos usados pela linguagem tanto quanto a usamos. Quanto mais nossa escolha de formas de expressão for guiada pelos pensamentos que queremos expressar, tanto mais o modo como nós sentimos as coisas no mundo real governará o modo como nos expressamos sobre essas coisas. Vemos que Fairclough e Lakoff chamam a atenção dos aspectos “modeladores” da linguagem humana, mostrando como as características sociais que são veiculados/vinculados à linguagem podem formular/reformular discursos, intensificando a ideia de que as “realidades” estão em constante processo de (re)formulação/formação.

O site “Parou Tudo”, embora não afirme que seja destinado ao público homossexual masculino – principalmente aos homossexuais masculinos jovens –, tem um conteúdo totalmente voltado para questões “tidas” do “mundo gay masculino”. Assim, faz-se necessário nos remetermos a autores que tratam de questões relacionadas à prática/gênero/identidade sexual. Para tal intento, Cameron (2010, p. 147) discute que é inútil continuar a usar modelos de fala generificada que considere implicitamente a masculinidade e a feminilidade como construtos monolíticos, apresentando de forma automática padrões previsíveis (e completamente diferentes) de interações verbais. Ou seja, a autora chama a atenção para a (des)construção necessária a ser feita sobre paradigmas rígidos de gêneros – numa concepção binária masculino/feminino – construídas historicamente e pensar – para a (re)formulação – os comportamentos existente no tocante à sexualidade. Em seu estudo sobre a construção da identidade heterossexual masculina, Cameron reflete sobre o uso da linguagem que jovens, declaradamente heterossexuais, utilizam a partir de recursos discursivos que são vinculados como pertencente ao homem heterossexual. A autora reflete que:

mulheres e homens não vivem em planetas diferentes, mas são membros de culturas nas quais uma grande quantidade de discursos sobre gênero está sempre circulando. Além de aprender e então mecanicamente reproduzir formas de falar ‘adequadas’ a

seu próprio sexo, homens e mulheres aprendem um conjunto ainda mais amplo de significados genereficados, os quais são atribuídos, de formas bastante complexas, a formas diferenciadas de se falar, produzindo seu comportamento à luz desses mesmos significados. (CAMERON, 2010, p. 145).

Cameron, nesse sentido, reafirma a posição de Lakoff de que homens e mulheres aprendem, por meio da linguagem, comportamentos “adequados” e que diretamente são relacionados ao que a sociedade entende por homem e mulher. Quanto a isso, a autora complementa: “suas habilidades como performadoresⁱⁱ não altera o fato de que o que estão desempenhando é mesmo velho *script* definidor de gênero” (CAMERON, 2010, p. 145).

Fundamentalmente, ao usar o termo performadores, Cameron corrobora a concepção de gênero desenvolvida por Judith Butler: “gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos dentro de uma estrutura rígida e reguladora que se consolida, com o passar do tempo, produzindo o que aparenta ser substância, uma espécie ‘natural’ de ser” (BUTLER apud CAMERON, 2010). Em consonância com o que foi discutido por Butler, pode-se entender que o/a gênero/identidade de gênero se desenvolve em um meio social rígido – que não permite a diversidade de características de gênero – e acabam por se mostrar naturais. Dessa forma, qualquer característica de um determinado gênero que não se consubstancia com o padrão pré-estabelecido será marginalizado e alvo de estereotipificação.

1.1 A construção da identidade sexual na mídia digital

Atualmente, a mídia digital influencia toda uma geração de pessoas que são, frequentemente, alvo de elementos midiáticos que pretendem vender algum produto. Essa característica metodológica do discurso digital consegue, a partir da sua coligação com o discurso publicitário, “moldar” ou, particularmente, produzir e/ou estar próximo de “perfis” consumistas. Os jovens que, não por acaso, estão em processo de formação identitária, são/tornam-se os maiores consumidores dos

produtos vinculados pelas mídias digitais, independente de sua classe social. Produtores de sites de variados assuntos perceberam que, entre os jovens, a aceitação de diversas formas de se vestir, falar, comer, ou seja, de tendências de gostos ditos contemporâneos é mais fácil de acontecer, além de influenciarem adultos que estão ao seu redor. Indubitavelmente, para fazer que o seu filho fique “na moda” ou não fuja das “novas tendências”, pais se submetem aos desígnios da publicidade e desembolsam uma porcentagem considerável de seus salários para ajudar na “estilização” de crianças e adolescentes. Nessa busca desenfreada por atender aos “desejos” dos jovens, muitos pais se submetem ao produto midiático sem refletir sobre benefícios/malefícios que esse tipo de comportamento pode acarretar na construção identitária de seus filhos.

Concordamos com Silva (2007), quando diz que, de certa forma, a mídia, por meio da linguagem, constrói identidades/papéis sociais e as desenvolve para atender a um discurso específico, precisamente, na pesquisa aqui retratada, ao discurso publicitário. O autor complementa ainda:

[...] enquanto instituição social, cultural e linguística, a mídia digital constrói, através da linguagem, imagens de si mesma, de seu público e da relação que se estabelece entre esses participantes. Dentre os papéis exercidos pela mídia digital, percebo que, como formadora de opinião, ela não só interfere na construção de identidades, positiva ou não, como também contribui para criar e/ou reforçar certos tipos de preconceitos e para incluir ou excluir indivíduos de determinados grupos sociais. (SILVA, 2007, p. 71).

Para exemplificar essa discussão, o caso das propagandas de cerveja pode ser citado. Claramente vemos que nelas é feita, de forma recorrente, uma relação entre a cerveja (produto) e os estereótipos vinculados ao padrão heterossexual de ser/existir. As mulheres, nessas propagandas, são construídas a partir de uma visão heteronormativa da realidade. Ou seja, não se tem qualquer tipo de mulher veiculado e sim o que o padrão do homem/heterossexual quer ver paralelo a uma garrafa de cerveja. Além de relacionar a cerveja à figura de uma mulher submissa, extremamente atraente – tendo características da beleza midiática –, com recorrência as propagandas fazem relação entre cerveja/futebol,

cerveja/velocidade, cerveja/força, cerveja/virilidade, cerveja/grupos de amigos homens etc., pois, socialmente, consideram-se futebol, velocidade, força, virilidade e aderência a grupos (ou seja, o “cara legal” que pertence a todos os grupos) elementos característicos do homem heterossexual (NUNAM, 2003, p. 19-20). Dessa forma, o que temos nas propagandas de cerveja são mulheres construídas a partir de uma visão heteronormativa da realidade e essa imagem da mulher sensual, que demonstra publicamente sua vida sexual – afinal de contas o homem precisa beber a cerveja e se saciar com uma mulher bonita que lhe dê prazer – é divulgada a todas as gerações de homens que, ao longo do tempo, utilizam-se dessas veiculações midiáticas para o desenvolvimento da sua própria identidade sexual. Foucault mostra uma preocupação em analisar a relação sexual entre o homem e a mulher, mostrando que o primeiro impõe, socialmente, uma postura/modo de ser sexual sobre a segunda. O autor afirma que o falo “é o objeto de ligação entre os dois, tanto para o homem como para mulher, e ele parece pertencer aos dois de maneira diferente” e complementa:

Para os franceses, o sexo do homem é literalmente o atributo do homem; os homens se identificam com seu sexo, e mantêm relações privilegiadas com ele. Este é um fato incontestável. Assim, as mulheres se beneficiam do sexo masculino unicamente no caso em que esse direito lhes é concedido pelos homens, seja porque eles o emprestam ou porque os impõem a elas; daí a ideia de que o gozo masculino está em primeiro plano e de que ele é essencial. (FOUCAULT, 2010, p. 28).

Ao dizer que “ficou bastante impactado pela forma das relações entre o homem e a mulher, mais precisamente pelas relações desses dois personagens com o sexo do homem”, Foucault nos revela uma preocupação em examinar o discurso criado em torno do homem, principalmente, no que condiz aos padrões sexuais estabelecidos na sociedade.

1.2 A construção da homossexualidade e do sujeito homossexual

Louro (2001, p. 542) afirma que a homossexualidade e o sujeito homossexual são invenções do século XIX. A autora discute que nesse período as relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas como sodomia (uma atividade indesejável ou pecaminosa, sendo que tudo mudaria a partir da segunda metade daquele século), pois a prática passava a definir um tipo especial de sujeito que viria a ser assim marcado e reconhecido – ou seja, um grupo que teria características próprias –, embora essas peculiaridades devessem ser consideradas um mal a ser exterminado. Portanto, os identificados como homossexuais, agora categorizados e nomeados a partir de práticas consideradas como desvio da norma, passariam a ser um grupo segregado. Ousando se expor a todas as formas de violência e rejeição social, alguns homens e mulheres contestam a sexualidade legitimada e se arriscam a viver fora de seus limites.

A ciência, a justiça, as igrejas, os grupos conservadores e os grupos emergentes irão atribuir a esses sujeitos e a suas práticas distintos sentidos. A homossexualidade, discursivamente produzida, transforma-se em questão social relevante. A disputa centra-se fundamentalmente em seu significado moral. Enquanto alguns assinalam o caráter desviante, a anormalidade ou a inferioridade do homossexual, outros proclamam sua normalidade e naturalidade – mas todos parecem estar de acordo de que se trata de um ‘tipo’ humano distintivo.

Por não terem uma característica sexual que atenda à perspectiva do meio em que vivem, homens e mulheres homossexuais desenvolveram “uma forma de ser homossexual”. Assim, o discurso político e teórico que produz a representação ‘positiva’ da homossexualidade também exercerá um efeito regulador e disciplinador. Ao afirmar uma dada posição-de-sujeito, supõe, necessariamente, o estabelecimento de seus contornos, seus limites, suas possibilidades e restrições.

Louro discorda de uma postura unilateral dada aos gêneros e faz a seguinte citação a partir de Trevisan:

Como a História da Sexualidade de Foucault havia mostrado, tal escolha do objeto nem sempre tinha se constituído a base para uma identidade e, como muitas vezes discordantes sugeriam, esse não era, inevitavelmente, o fator crucial na percepção de toda e

qualquer pessoa sobre sua sexualidade. Este modelo fazia, efetivamente, com que os bissexuais parecessem ter uma identidade menos segura ou menos desenvolvida (assim como os modelos essencialistas de gênero fazem dos transexuais sujeitos incompletos), e excluía grupos que definiam sua sexualidade através de atividades e prazeres mais do que através das preferências de gênero, tais como os/as sadomasoquistas. (TREVISAN apud LOURO, 2001, p. 339).

Nesse sentido, cria-se um modelo do que deve ser considerado homossexual transmitindo possíveis gostos, posturas, comportamentos tidos como predominantemente homossexual.

2 Organização do *site* “Parou Tudo” e um olhar sobre as “estratégias” para a veiculação de uma “identidade homossexual”

Partindo do pressuposto de que a linguagem produz: “a) formas de conhecimento ou crenças; b) relações sociais, e c) identidades ou posições sociais” (MEURER, 2005, p. 82), analisaremos a estrutura do *site Parou Tudo*, a partir de aspectos linguísticos e não-linguísticos com a finalidade de se entender as características identitárias que são construídas a partir das manifestações discursivas nos textos do *site*.

Em relação a sua estrutura, o *site* está no ar desde 2003. Segundo dados fornecidos na página principal, *Parou Tudo* é “um *site* para o público GLSⁱⁱⁱ e tornou-se o principal veículo de comunicação dirigido à diversidade sexual na região centro-oeste, sendo marco importante no crescimento da cena GLS brasileira”. Os dados de acesso fornecidos pelo *site* são de 150 mil visitas por mês.

Ao acessar o endereço do *site*, já nos deparemos, na página principal, com a disposição dos assuntos, principalmente relacionados à música pop norte-americana, que, socialmente, são considerados bem aceitos entre público gay ou, nas palavras do *site*, “entre o público GLS”. A página principal traz uma série de links com seus respectivos *sublinks*:

Links							
Agenda	Boys	Pop	Noite	Lifestyle	Orgulho	Especiais	Contato
Sublinks							
Brasília	Ensaaios	Babado e confusão	Fotos de festas	Corpo	Estruturação	Dia de Sair do Armário	Anuncie
Goiânia	Ui, Delícia	Cinema e Tv	Dj set	Consumo	Direito	Parada de Brasília	Equipe
Roteiro GLS DF	Hay Torres	Música	Gente	Cultura	Política		Fale Conosco
			Jogação	Moda			Twitter
				Sexo			

- a) **AGENDA** – datas das festas “GLS” da cidade – Brasília e Goiânia – e de outras regiões;
- b) **BOYS** – Atendendo a uma característica lexical específica, cuja referência é a fala dos grupos homossexuais, o termo *boy* se remete a um conjunto de imagens de homens jovens e corpos atléticos, seminus, com informações referentes aos próprios modelos ou a algum evento do “meio gay”;
- c) **POP** – Na sessão Pop, há informações sobre filmes, entrevistas com cantores, atores e outras personalidades, música etc.;
- d) **NOITE** – Registro de eventos e outras variedades;
- e) **LIFESTYLE** – Descrição de locais onde o público pode comprar objetos variados e também locais relacionado à prática sexual;
- f) **ORGULHO** – Informações diversas sobre o grupo Estruturação – movimento LGBT sediado em Brasília;
- g) **ESPECIAIS** – Reportagens e outras discussões sobre o público gay;
- h) **CONTATO** – Contato dos produtores do *site*.

2.1 Um pequeno olhar sobre o léxico

A partir das escolhas léxico-gramaticais dos produtores, percebe-se que o site apresenta um conjunto de elementos que o “público GLS” pode usufruir. Dessa forma, o uso de um léxico próximo ao falado pela comunidade gay é uma forma de fazer os visitantes do *site* se sentir mais próximos do assunto tratado. Dessa forma, termos ou expressões como *Boy(s)*, *Ui*, *Delícia*, *babado*, *jogação*, *sair do armário* remetem-se a uma característica de fala relacionada ao público homossexual, como explica Sousa (2009)^{iv} ao analisar a fala de homens homossexuais na cidade de Fortaleza-CE. Segundo o sumário apresentado pelo autor, o termo *boy* tem o seguinte significado: *Boy* – v. bofe. “Os boys que aparecem por aqui só querem aquê^v das bichas”.

Os outros termos do site não foram descritos por Sousa. Desse modo, trazemos uma pequena descrição do significado dos termos/expressões *Ui*, *delícia*, *babado*, *jogação*, *sair do armário*:

Ui, delícia – surpresa ao ver algo que agrada. “Que homem bonito, ui, delícia!”. No *site*, esse *sublink* mostra um grande número de imagens de homens com características físicas consideradas apreciadas pelo público gay. Nesse espaço, o site faz uma alusão direta entre homossexualidade e pornografia;

Babado – algo bom. “Aquela festa foi babado”;

Jogação – oriundo de “se jogar”, ou seja, “curtir” uma festa, badalar. “Vou me jogar naquela festa”;

Sair do armário – assumir-se homossexual. “Não sei por que aquele cara não sai logo do armário”. O *site* utiliza-se do termo para dar “dicas” de como fazer para “sair do armário” e que 11 de outubro de cada ano é o dia para fazer isso.

Esses *links* e *sublinks* dão um direcionamento de como os gays devem agir em um determinado momento, o que devem vestir, ouvir e ler, onde comprar a roupa deslocada e onde procurar sexo fácil. Dessa maneira, cria-se um modelo de homossexual.

O *site Parou Tudo* não faz alusão, em nenhum momento, às travestis^{vi}. Provavelmente, por se tratar de um grupo marginalizado e a proposta do *site* é estar conectado/formar um público gay consumidor que atenda a determinadas características socioculturais, cuja figura da travesti não se enquadra. Nesse

sentido, o *site* não veicula imagens ou textos direcionados às características físicas das travestis, mas pressupõe que esse público o acesse por considerar que os assuntos como roupas, fofocas, música, famosos e homens com um certo tipo físico lhe interessem. Curiosamente, as características de fala presentes no *site* são faladas pelos travestis que se prostituem e pelos homossexuais que se enquadram à proposta do *site*^{vii}.

Algumas “singelas” conclusões

Dessa forma, entendemos que os discursos, por se constituírem e se manifestarem no meio social, se cristalizam ou, particularmente, se naturalizam. Por isso, os textos vinculados pelo *site* e a construção lexical que forma esses textos apresentam traços de rotinas sociais complexas que se tornam opacas e, conseqüentemente, não percebidas pelos indivíduos.

Paralelamente, vemos que os comportamentos daqueles que se consideram homossexuais (orientação sexual) são utilizados por um “discurso” mercadológico que, ao entender a preocupação dos grupos homossexuais em ter visibilidade frente a questões sócio-políticos-culturais, (re)modelam essas preocupações para construir, a partir disso, um mercado consumidor próprio a homossexuais. Assim, cria-se uma padrão/norma que perpassa vários âmbitos: linguagem, prática sexual, moda, beleza, música, televisão etc.

Referências

BENEDETTI, M. *A batalha e o corpo*: Breves reflexões sobre travestis e prostituição. Disponível em: www.ciudadaniasegual.org. Acessado em: 12 nov. 2012.

CAMERON, D. Desempenhando identidade de gênero: conversa entre rapazes e construção da masculinidade heterossexual. In: OSTERMANN, A. C & FONTANA, B (Org.). *Linguagem, gênero e sexualidade*: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora UnB, 2001.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade*, vol. 02: o uso dos prazeres. São Paulo: Graal, 1984.

_____. *A Ordem do Discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. *Michel Foucault: ética, sexualidade e política*, vol. 05. 3. ed. Org. Manoel Barros da Motta. São Paulo: Forense Universitária, 2010.

LAKOFF, R. Linguagem e lugar da mulher. In: OSTERMANN, A. C & FONTANA, B (Org.). *Linguagem, gênero e sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola, 2010.

LOURO, G. L. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação. *Revista de Estudos Feministas*, São Paulo, v. 02, p. 541-553, 2001.

NUNAM, A. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

MEURER, J. L. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In.: MEURER, J. L., BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

SOUSA, A. M. Mona paródica... Dá mais pinta, bonita: análise léxico-semântica da gíria dos homossexuais de Fortaleza. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, nº 44, ano 15, p. 120-133, maio/agosto de 2009.

SILVA, S. R. A construção da identidade do jovem gay no site E.-Jovem.com. *Revista Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 7, n. 1, p. 71-99, jan./abr. 2007.

Para citar este artigo

SOUZA, Shelton Lima de. Um olhar sobre a construção da identidade homossexual masculina em um site brasileiro. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 2, n. 1, p. 168-182, abr. 2013.

O Autor

Shelton Lima de Souza possui graduação em Letras-Português do Brasil como Segunda Língua (2006) e mestrado em Lingüística-Gramática (2008), ambos realizados na Universidade de Brasília-UnB. Atualmente, é Professor Assistente I da Universidade Federal do Acre - UFAC, lecionando disciplinas das áreas de

ⁱ A ACD, com seu caráter interdisciplinar, também se utiliza de outros autores para sua fundamentação epistemológica. Dentre eles, está Antônio Gramsci para o conceito de ideologia.

ⁱⁱ Cameron faz a seguinte referência ao termo performatividade: “Em 1990, a filósofa Judith Butler publicou um livro marcante, intitulado *Gender Trouble – Feminism and the Subversion Identity*. O ensaio de Butler é uma reconceitualização pós-moderna de gênero que faz uso do termo performatividade, um conceito familiar a linguistas e analistas do discurso e da teoria dos atos de fala. Para Butler, gênero é *performativo* – é um ‘constituente da identidade que ele pretende ser’” (CAMERON, 2010, p. 131).

ⁱⁱⁱ Não há no *site* nenhum *link* ou *sublink* destinado a lésbicas, heterossexuais ou qualquer outro grupo que não se enquadre em “aspectos relacionados à homossexualidade masculina”. Os movimentos pró-direitos dos grupos homossexuais substituíram a sigla GLS por LGBT ou LGBT’s, por entender que a primeira torna invisível outros grupos socialmente discriminados por sua prática social ou identidade de gênero como: bissexuais, travestis e transgêneros.

^{iv} Embora os participantes da pesquisa de Silva não estejam num ambiente de prostituição, claramente, pelas características das sentenças apresentadas para explicar o contexto de uso dos itens lexicais, vê-se uma relação entre o léxico analisado pelo autor e o léxico utilizado por homossexuais em situações que se referem ao pagamento por uma relação sexual, como é o uso do termo *akwé* “dinheiro” muito comum entre travestis, principalmente entre aqueles que se prostituem.

^v Tentei, nesse momento, não relacionar a prática da prostituição aos travestis, embora entenda que esse grupo, por questões diversas, esteja mais propício a essa prática. Benedetti (2012, p. 01) problematiza a questão: “[...] apesar destas mudanças no papel e lugar social ocupado por este grupo, ainda é comum a ideia de que as travestis constroem sua identidade sexual e de gênero motivadas apenas pela prostituição e pelos ganhos financeiros que esta atividade pode proporcionar. É corrente a associação da identidade das travestis à atividade da prostituição, tanto no senso comum quanto em alguns setores do conhecimento acadêmico no Brasil, como fica visível, por exemplo, no que publica a Sociedade Brasileira de Sexologia em sua revista eletrônica *Viver Bem Saúde*: ‘O travesti é, na verdade, um prostituto que, para atrair clientela, usa adereços que nossa cultura considera característicos do sexo feminino (vestes, calçados, meias, pintura) ou até mesmo se submete a cirurgias plásticas, implantes de silicones e hormonioterapia, para adquirir contornos que se assemelhem aos das mulheres’. Este artigo pretende relativizar a noção corrente de que a transformação do corpo e do gênero entre as travestis está determinada e ocasionada pela atividade da prostituição. A ideia de que a construção do corpo e do gênero das travestis dá-se única e exclusivamente em função do interesse pelos rendimentos financeiros proporcionados pela prostituição é um dos sustentáculos do estigma e da exclusão social que cerca este grupo social”.

^{vi} Há uma discussão sobre o uso do determinante “a” (gênero feminino) junto ao nome travestis. Nesse sentido, optarei por “as travestis” por considerar que, em alguns grupos de travestis, faz-se uso do gênero feminino marcado morfologicamente. Vejo que essa questão

ainda precisa ser muito discutida, haja vista que o uso de termos gramaticais, como os determinantes, entre os travestis e os transgêneros perpassa questões sociais e, por extensão, identitárias, como identidade de gênero e papel de gênero. Para uma melhor conceituação/discussão desses termos, v. Nunam (2003).

^{vii} Interessante seria entender como se deu/dá a relação entre a fala de grupos marginalizados como os dos travestis com as características de fala de grupos homossexuais a que o site se direciona e até que ponto as características de fala de um grupo influenciam o outro.